



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – Ano XI – DEZEMBRO 2005.

EDITORIAL

Natal! Natal!

A partir do momento em que as cidades começaram a se impor como centros civilizadores, a comemoração do Natal se tornou a Festa por excelência do Ocidente. A Comissão Mineira de Folclore defendeu no curso de pós-graduação voltado para o estudo das festas a tese de que não há festa sem espera, sem advento. Ou seja, toda festa celebra a chegada de alguém muito aguardado. O Natal é a síntese dessa esperança e a celebração da chegada de uma Criança salvadora.

Disso resulta que os festejos natalinos encarnam o espírito da família, tomando-a como centro de uma comunidade atenta para a criança: **“Um filho nos foi dado”**. É para esse filho que os reis vêm do oriente trazendo presentes: ouro, incenso e mirra. Há que se reconhecer nessa criança a realeza, a santidade e a humanidade. Anunciar a Boa Nova e presentear as crianças marcam o ciclo natalino e o calendário. Sem Natal o ano não começa, a vida não se renova. Carlos Rodrigues Brandão intitula aos núncios da Boa Nova de “Sacerdotes de Viola”. Os alegres mensageiros percorrem casa por casa celebrando o Nascimento do Menino Deus e presenteando as famílias com sua arte e também recolhendo doações para reforçar o espírito de comunidade.

Não se pode minimizar a importância das folias de reis. Elas levam a todos a mensagem da Paz e uma concepção de Paz e Verdade, ou da paz verdadeira.

Quando o latim fazia parte da formação escolar, as crianças decoravam um lema romano que preceituava: “Si vis pacem, para bellum”. Traduzindo: “se queres a paz, prepara-te para

guerrear”. Que paz estranha é essa que se obtém pela guerra! Contudo, ela é a mais familiar de todas. Essa paz armada é tudo o que vivemos. Ela está tão arraigada em nosso cotidiano que nossa concepção de paz é sustentada pelo medo. As páginas policiais dos jornais e os cadernos de política celebram diariamente os feitos da paz armada. O aparato de segurança é lembrado como garantia de nossa paz como cidadãos. As folias de reis trazem uma outra mensagem cantando e dançando a Paz:

“Oh, Senhor / senhora dono / dona da casa.

Abra a porta e ‘cende a luz,

Abra a porta e ‘cende a luz””.

Porta aberta e luz acesa, essa, sim, é a mensagem mais estranha de Paz. No mundo atual vivemos entre muros. Quem diria que países cercariam suas fronteiras com cortinas eletrônicas e que as cidades seriam divididas em inúmeros enclaves fortificados em nome da paz?

A folia de reis trafega na contra-mão e leva a cada família a promessa do fim do medo.

Veja nesta Edição:

❖ **Agenda - 2 - 4**

❖ **Artigos - 4 - 5**

❖ **Resenhas - 6 - 7**

AGENDA

ACONTECENDO

➤ Conferências municipais e intermunicipais de cultura

Ao longo do mês de outubro foram realizadas centenas de conferências municipais de cultura das quais resultaram 850 propostas relacionadas à gestão, economia, patrimônio, comunicação e participação democrática. Foi oportunidade para alguns folcloristas participarem insistindo numa agenda mínima de interesse da cultura popular.

Oitenta e nove municípios optaram por realizar conferências locais ao passo que 116 o fizeram em conferência intermunicipais. Sediaram conferências intermunicipais: Carbonita 2, Conselheiro Lafaiete, 5, Governador Valadares - 20, Guaxupé - 6, Itajubá - 11, Ituiutuba - 12, Juiz de Fora - 17, Mariana - 8, Morada Nova de Minas - 8, Poços de Caldas - 2, Paraopeba - 6, Piranguçu - 3, Santa Luzia - 4, Rio Doce - 9, e Uberlândia - 3. Houve municípios importantes que não promoveram conferências - Betim, Ibirité, São João Del Rei, Teófilo Otoni, Campanha e Pouso Alegre.

Convidado a participar da conferência municipal de Gouveia, o folclorista José Moreira de Souza destacou dois pontos propostos como diretriz das deliberações locais:

Eu não quero que minha casa seja fechada com paredes por todos os lados, e que minhas janelas fiquem trancadas.

Eu quero que as culturas de todos os lugares soprem sobre minha casa da forma mais livre possível. Mas eu também me recuso a ser carregado por qualquer uma delas.

(Mahatma Gandhi in **Nossa diversidade criadora**)

Este pensamento de Gandhi pode ser entendido tudo que é humano não me pode ser estranho, mas, eu também tenho direito de ser humano. Ninguém tem direito de desumanizar o outro em nome de suas "verdades".

O segundo ponto destacado pelo folclorista foi de que assistimos a uma progressiva autonomização da esfera cultural, ou seja, de que alguns são mais cultos do que os outros e que uma política cultural conseqüente precisa favorecer o poder criador de todos os que vivem numa mesma cidade, região, estado ou país. Lembrando ainda que a cultura ultrapassa os limites dos agentes normalizadores das práticas cotidianas.

➤ Conferência Estadual de Cultural – dias 28 a 30 de novembro

Realizou-se nos dias 18, 29 e 30 de novembro último, a I Conferência Estadual de Cultura de Minas Gerais dando continuidade às municipais e intermunicipais.

Estiveram presentes delegados de 253 municípios dos cerca de 500 que já aderiram ao Sistema Nacional de Cultura.

O encontro que aconteceu no Plenário da Assembléia Legislativa de Minas Gerais é a segunda etapa preparatória da Conferência Nacional de Cultura programada para os dias 13 a 16 de dezembro em Brasília.

Após ouvirem palestras de especialistas convidados sobre cada um dos temas principais da Conferência, os participantes foram divididos em grupos para votarem as principais diretrizes e propostas a serem defendidas pela delegação mineira na conferência Nacional. Foram priorizadas três diretrizes em cada grupo, totalizando 15.

A Seção Plenária dos delegados aprovou como diretrizes prioritárias de Minas:

AGENDA

➤ Conferência Estadual de Cultural



Eixo Temático: Gestão Pública da Cultura.

Prioridade 1. Investir e criar programas de formação e capacitação de gestores e trabalhadores da área cultural - 240 votos.

Prioridade 2. Criar mecanismos e programas abrangentes de democratização do acesso aos bens culturais - 222 votos.

Prioridade 3. Institucionalização da gestão da cultura e regionalização das políticas públicas da área da cultura - 218 votos.

Nesse grupo a diretriz que determina a "criação de um sistema de informações culturais" foi votado em quarto lugar obtendo 134 votos, mostrando o pouco valor dado pelos delegados à informação sistematizada e o grande valor conferido à formação de gestores e trabalhadores.

Eixo Temático: Cultura é Direito e Cidadania.

Prioridade 1. Desconcentração das ações e dos equipamentos culturais, de forma a promover a valorização da produção cultural das comunidades locais, o intercâmbio e a interiorização da política cultural - 246 votos.

Prioridade 1.2. Valorização das manifestações culturais de todos os segmentos da sociedade, respeitando-se a diversidade cultural e a pluralidade das origens étnico-culturais dos agentes sociais - 246 votos.

Prioridade 2. Garantir a transversalidade das políticas culturais - 205 votos.

Eixo Temático: Economia da Cultura

Prioridade 1. Instituir uma política tributária diferenciada para empreendedores culturais e atividades artístico-culturais a partir da redução de impostos e isenções gerais e estabelecer vinculações ou reservas orçamentárias e tributárias - 276 votos.

Prioridade 2. Apoiar e estimular a criação de fundos de apoio à cultura em âmbito municipal, estadual e federal; diversificar as alternativas de financiamentos e instituir mecanismos de fiscalização sobre a aplicação de recursos públicos na área de cultura. - 272 votos.

Prioridade 3. Instituir e aprimorar ao incentivos fiscais de financiamento à cultura em âmbitos nacional, estadual e municipal - 223 votos.

A prioridade 4 ficou muito próxima em votação, obtendo 217 votos: Apoiar e incentivar as atividades artístico-culturais como geradoras de emprego e renda.

Como se vê a economia da cultura deixa explícita a autonomização da esfera cultural conduzida por um conjunto de agentes especializados que se diferenciam das esferas de produção



➤ Conferência Estadual de Cultural

dos bens essenciais, da formação de mão de obra e da gestão empresarial e política.

Eixo Temático: Patrimônio Cultural

Prioridade 1. Criar mecanismos efetivos para a identificação, a documentação e preservação do patrimônio cultural de natureza material e imaterial, e garantir o exercício dos direitos civis e culturais dos diversos segmentos da população – 308 votos.

Prioridade 2. Garantir o financiamento das políticas de patrimônio nas três esferas de governo – 282 votos.

Prioridade 3. Promover a descentralização da gestão do patrimônio cultural, a institucionalização administrativa no âmbito municipal, o compartilhamento e articulação entre as instituições públicas e destas com agentes culturais e demais setores da sociedade civil – 227 votos. Um item de extrema importância foi votado em 4º lugar, obtendo 204 votos, possivelmente por não ter sensibilizado de maneira suficiente os delegados: Promover a preservação do patrimônio cultural de forma integrada com as políticas de planejamento urbano e territorial.

Eixo Temático: Comunicação é cultura.

Prioridade 1. Fomentar a criação de redes de cultura e comunicação comunitária – 329 votos.

Prioridade 2. Assegurar a gestão compartilhada, entre governo e sociedade civil, da outorga e do funcionamento de canais de radiodifusão – 323 votos.

Prioridade 3. Promover e difundir atividades, espetáculos e eventos culturais regionais, locais e de pequeno porte – 248 votos.

Estiveram presentes os folcloristas Romeu Sabará da Silva, Maria José de Souza – Tita – e José Moreira de Souza.

➤ Conferência Nacional de Cultura acontece nos dias 13 a 16 de dezembro em Brasília.

A Conferência Nacional de Cultura contará com a participação de 20 estados. Minas Gerais terá uma delegação de 36 representantes eleitos na Conferência Estadual.

A representação mineira estará composta por 30 delegados representando a sociedade civil, três indicados pela área governamental e três eleitos para deliberar em nome do poder público municipal.

A maior delegação da sociedade civil é composta por representantes da Região Metropolitana de Belo Horizonte – 6 delegados, vindo em segundo lugar o Sul de Minas com 4 delegados. Rio Doce, Zona da Mata e Norte de Minas tiveram 3 delegados cada uma; as regiões Central, Jequitinhonha/Mucuri, Centro Oeste e Triângulo elegeram 2 delegados e a do Alto Paranaíba, um.

Antecipadamente, as conferências já obtiveram resultados importantes. O primeiro deles de alcance local, ao promover encontros de avaliação e proposição de ações concentradas dos cidadãos exigindo compromissos com o poder local; o segundo por favorecer a emergência na discussão dos variados interesses implicados na pauta da cultura; e o terceiro por instituir o Sistema Nacional de Cultura com base nas articulações de todos os agentes satisfatoriamente organizados.

Fica com questão o que se entende como Economia da Cultura, posto que tanto as diretrizes da Conferência Nacional, quanto os relatórios da Estadual contemplam mais os “empresários da cultura” do que os sujeitos da cultura.

➤ Festa de Santa Luzia - 13 de dezembro

Sobre o assunto, escreveu o folclorista Sebastião Geraldo Breguêz: Em Minas Gerais, na histórica cidade de Santa Luzia, a 25 quilômetros de Belo Horizonte, a festa da santa, em 13 de dezembro, atrairomeiros de todo o Brasil. A cidade fica cheia com dezenas de ônibus. Armam-se barracas dos dois lados das ruas que dão acesso à igreja de Santa Luzia (1701), em estilo barroco, ornamentada em ouro com pinturas de Athayde e obras de Aleijadinho. A festa dura uma semana com missas, orações, festejos e a tradicional procissão dos fiéis que percorrem a cidade com a imagem da santa. Nas casas, os moradores colocam uma bandeira vermelha com os dizeres: “Santa Luzia, rogai por nós”. Na noite que precede o dia 13 de dezembro, as pessoas acendem velas nas janelas das casas até o amanhecer do dia como forma de iluminar o caminho para a chegada da santa.

A devoção a santa siciliana tomou aspectos inconfundíveis no Brasil, devido a sua miscigenação com ritos fetichistas, transformando a bela jovem cristã em séria concorrente dos oftalmologistas. A medicina popular brasileira diz que, quando cai um argueiro na vista de alguém, o remédio fácil e pronto é recitar, esfregando a pálpebra:

Corre, corre, cavaleiro

Vai a porta de São Pedro Dizer a Santa Luzia

Que me de uma pontinha de lenço

Para tirar esse argueiro.

Era também comum, quando um cisco incomodava os olhos, dizer-se: “Santa Luzia passou por aqui em seu cavaleiro comendo capim” e esfregar-se as pálpebras. Afirmam os devotos que o cisco desaparece imediatamente.

➤ Oração de Santos Reis

OH amabilíssimos Santos Reis, Baltazar, Melquior e Gaspar!

Fostes Vós avisados pelos Anjos do Senhor Sobre a vinda ao mundo de Jesus o Salvador, E guiados até o presépio de Belém de Judá, pela Divina Estrela do Céu. Oh amáveis Santos Reis, fostes vós os primeiros a terem a ventura de adorar, amar e beijar a Jesus Menino, e oferecer-lhes a vossa devoção e fé, incenso, ouro e mira. Queremos, em nossa fraqueza, imitar-vos, seguindo a Estrela da Verdade e descobrindo a Menino Jesus, para adora-lo. Não podemos oferecer-lhe nosso coração contrito e cheio de fé católica. Estamos dispostos a assumir a missão de por em prática os valores cristãos, como membros ativos de nossas comunidades e paróquias. Esperamos alcançar de vós a graça que tanto necessitamos...(FAÇA O PEDIDO PARTICULAR)

Esperamos, igualmente alcançar de vós a graça de sermos verdadeiros cristãos, Oh bondosos Santos Reis, ajudai-nos, amparai-nos, protegei-nos e iluminai-nos! Derramai vossos bençãos sobre nossas humildes famílias, pondo-nos debaixo de vossa proteção, da Virgem Maria, a Senhora da Glória, e São José. Nosso Senhor Jesus Cristo, o Menino do Presépio, seja sempre adorado e seguido por todos nós. Amém.

– Pai Nosso...Ave Maria... Glória ao Pai...

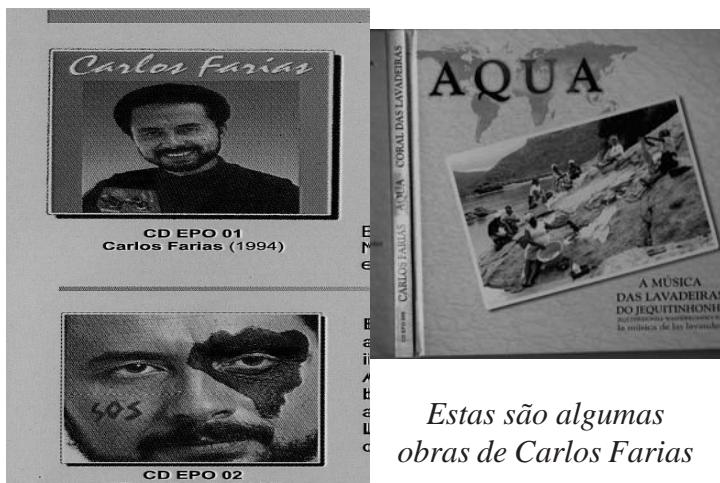
Colaboração de Affonso Reis - Comissão Fluminense de Folclore.



AGENDA

➤ **FARIAS, Carlos: *Aqua – a música das lavadeiras do Jequitinhonha***

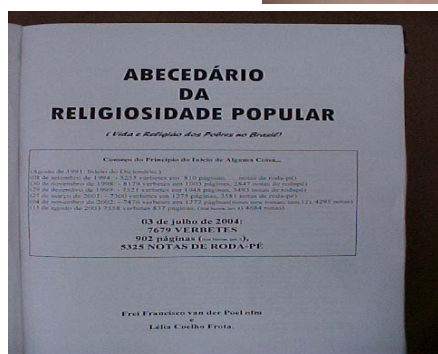
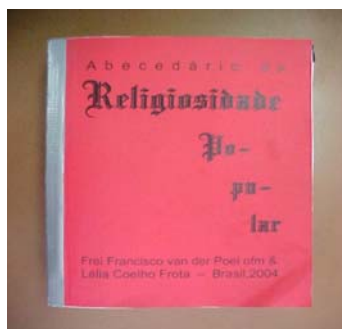
Vale a pena conhecer e divulgar o trabalho desse estudioso, músico e psicólogo junto às lavadeiras do Vale do Jequitinhonha. *Aqua*, seu último CD-livro merece ser ouvido, escutado e comemorado.



Estas são algumas obras de Carlos Farias

PÖEL, Frei Francisco Van der, e Lélia Coelho Frota. *Abecedário da religiosidade popular: vida e religião dos pobres no Brasil.*

Para todos os que acompanharam o trabalho de Frei Xixo, o Dicionário é mais do que aguardado. Em 3 de julho de 2004 continha: 7679 verbetes, 902 páginas e 5325 notas de rodapé. O trabalho, em parceria com Lélia Frota contará ainda com Prefácio/Introdução de Carlos Rodrigues Brandão.



Artigo

Cultura e identidade cultural.

A realização de conferências de cultura, partindo do local para a federação realiza um velho sonho do movimento dos folcloristas. No final da década de cinquenta do século passado, a Campanha Nacional de Defesa do Folclore incumbiu o folclorista Renato Almeida de elaborar um *Manual de Coleta Folclórica*. A intenção era criar uma agenda mínima de estudos e pesquisas que tornassem atentos os principais moradores de todas as localidades do Brasil para se confeccionar uma cartografia exaustiva da pragmática do saber popular.

Cientes de que o saber popular é patrimônio de seu povo, os folcloristas saíam da academia em busca dos registros locais, efetuados por pessoas que se identificassem com o movimento.

Muita água correu daquela época a esta data. Folclore passou a ser uma palavra empregada com frequência em sentido pejorativo, o saber acadêmico se distanciou do povo e a agenda cultural se especializou.

Entretanto, duas obras complementares devem retornar à reflexão e ao debate dos estudiosos do Folclore, *Inteligência do Folclore* de Renato Almeida e *Regiões Culturais do Brasil* de Manuel Diegues Júnior. *Inteligência do Folclore* complementa o Manual de Coleta, ao ter com destinatários os estudiosos ao passo que *Regiões Culturais* mostra-se como um exercício de compreensão da nossa diversidade cultural determinada pelo espaço.

No momento em que as conferências exigiram que os municípios se articulassem por regiões, nota-se que uma política cultural necessita de contribuições substantivas nessa área.

Para nós, folcloristas, há áreas temáticas importantíssimas para a condução dos debates. A primeira diz respeito à concepção de cultura tal qual vem sendo fixada pela literatura. Uma outra é sobre o papel do Estado na configuração das áreas culturais. Finalmente, a terceira diz respeito ao lugar da cultura popular no interior de políticas culturais.

Não importa aqui acompanhar a longa trajetória de construção e diversificação desse conceito na Antropologia, contudo, merece fixar que ele traz como conseqüência discussões e debates sobre diversidade e pluralismos cultural. Correntes evolucionistas, difusionistas, funcionalistas ou estruturalistas trazem à tona o percurso da aplicação do conceito de cultura a realidades



Artigo

espaciais e históricas. De qualquer maneira, Cultura traz embutida a referência a uma totalidade articulada de significações e diferenciada de outras totalidades. Ora esse conceito de totalidade tem sua origem nos estudos das comunidades tribais e na ignorância radical do pesquisador à tradução possível dos significados inerentes à pragmática do saber comunitário alienígena.

Quando o conceito de cultura é aplicado às chamadas “sociedades complexas”, há que se focar no papel desempenhado pelo “Estado” e pela “Nação” na configuração do que se entende originariamente por cultura como totalidade articulada de significações. Sobre esse assunto, lembra Zigmunt Bauman:

A modernidade traz o fim para totalidades absolutas como a tribo e também, portanto, de um tipo de Lebenswelt tão coerente quanto a dos membros de uma tribo. As modernas totalidades sociais não têm a coesão da tribo por serem uma combinação de duas – e portanto inerentemente incompletas – totalidades, quais sejam, “a república” e a “nação”. Cada uma tem apetite para engolir ou subordinar a outra, mas só são mutuamente úteis quando preservam suas características distintas.” (Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000:165)

Esse alerta do autor convoca-nos para o debate de uma política cultural “nacional” como uma possibilidade de uma “Cultura Brasileira”, o que seria admitir a Nação como uma tribo ampliada. O sonho da Nação fundando o Estado é romântico e teve conseqüências trágico nas tentativas do ocidente, exemplificado pelo Nacional Socialismo, conhecido como Nazismo. O Estado moderno consolida seu sucesso pela dominação imposta às tribos, daí o pleno sentido da palavra tributo. Quanto ao Estado democrático sua característica quando às nações é de assegurar a convivência pacífica das diferenças preexistentes e das que se constituirão ao longo dos processos históricos.

No caso do Brasil, há que aceitar que não existe uma Nação Brasileira, mas nações no Brasil. Este é apenas um dos aspectos para moldar discussões sobre política cultural. No interior dos Estados modernos a referência à nação não é obrigatória, por mais que a categoria “espaço” ainda se imponha nos estatutos de propriedade, ao Estado compete manter o “bem comum”, a idéia de nação pode ser apenas um instrumento para se alcançar esse objetivo.

Artigo

Finalmente, importa uma reflexão sobre o lugar das culturas populares no plano das políticas culturais. Na Conferência Estadual de Cultura, o folclorista Romeu Sabará interpelou um conferencista solicitando que situasse o Folclore no interior das discussões sobre políticas culturais e comunicação. Alguns grupos temáticos se recordaram da mensagem e puseram em destaque recomendações referentes ao Folclore. Merecem destaque: “Criar mecanismos de inclusão das culturas populares nos processos educativos formais e não formais”. “Criar mecanismos e metodologias participativas para o registro das manifestações da cultura popular...” “Apoiar, incentivar, fortalecer as tradições locais (...) como elementos do turismo cultural e investir no setor”. “Possibilitar a inserção dos jovens na construção da história do município e no resgate da identidade local incentivando sua participação em atividades (...) folclóricas e da cultura popular.” “Incentivar o trabalho relacionado aos grupos culturais e folclóricos, levando o ensino da cultura local e regional às novas gerações.” – Proposta incluída nas Diretrizes 1 e 2 do grupo temático Cultura e Direito e Cidadania.

Nota-se que há referências ao Folclore e à cultura popular. No caso de Folclore, somos obrigados a pensar no lugar da “tradição”. Entretanto, o que é a tradição para o folclorista? Defendemos a tradição como processo e não como produto. Não nos interessa o artesanato, a dança, a comida, a música. Importa o detentor do saber e sua pragmática. Sob esse ponto de vista, o folclorista não se prende ao tradicionalismo como doutrina que defende a tradição como produto, mas a todos os processos implicados no contato face a face, na valorização da pessoa e das relações comunitárias. Ao folclorista interessa estudar os processos que mantêm vivas as relações tradicionais e a pragmática do saber que elas abrigam.

Deve ficar para nossa reflexão mais este pensamento de Bauman:

O conceito de tradição é paradoxal, uma vez que fala de uma coisa mas prevê outra completamente diferente e não pode fazer senão isso; ele nega na prática o que afirma na teoria. Induz a crer que o passado amarra o presente; prevê, no entanto, (e desencadeia) nossos esforços presentes e futuros de construção de um “passado” pelo qual precisamos ou queremos ser amarrados. (p. 136)

José Moreira de Souza



Resenhas

FROTA, Lélia Coelho. *Pequeno dicionário da arte do povo brasileiro – Século XX*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2005.

Este “Pequeno Dicionário” é uma contribuição importante ao desenvolvimento da estética. Afinal aprendemos que a estética é um campo da Metafísica que trata do Belo. A prevalência de uma estética orientada pela arte erudita desclassificou a arte popular para a esfera do “primitivo”, entendendo que nessa categoria se esconde técnicas primárias e infantis. É a preocupação com esses preconceitos estéticos que orientam o trabalho de Lélia ao declarar logo nas páginas introdutórias que “tive a preocupação permanente de aproximar estética de antropologia”. A valorização da arte e das manifestações do povo no Brasil é que está subjacente ao extenso e precioso trabalho de Lélia.

O Dicionário, em edição cuidadosa e bilíngüe – português e inglês – é pequeno se considerarmos os milhões de brasileiros artistas – mas adequadamente extenso para valorizar as criações artísticas de “indivíduos criadores procedentes de camadas pobres”.

Como um dicionário que se preza os verbetes encontram-se dispostos em ordem alfabética, mas não priorizam apenas os autores e suas obras. Existem também verbetes temáticos – carnaval, festas -, e destaque para obras anônimas – carrancas, cerâmica.



Trata-se de uma obra que merece ser adquirida para deleite pessoal e para presentear amigos no Natal.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

Bauman já foi objeto de comentário nesta edição – ver artigo “Cultura e identidade cultural”. Aqui, apresentamos a obra mais recente deste autor publicada em português.

Identidade resulta de uma entrevista. O entrevistador é um jornalista italiano de nome Benedetto Vecchi. Há uma novidade na forma de condução da entrevista, esclarece o jornalista nas páginas introdutórias. Não houve anotações em papel para as respostas a cada pergunta, nem se usou gravador para registro das ponderações do entrevistado. O meio utilizado foi e-mail, o correio eletrônico. Poderiam ser cartas pelo correio, o resultado, possivelmente seria o mesmo. A importância da entrevista por correspondência é que o entrevistador passa um “dever de casa” para o entrevistado e aguarda resposta. Esta não vem de imediato, o entrevistado tem tempo de estudar a pergunta e do mesmo modo o entrevistador estuda a resposta até poder formular a pergunta seguinte.

A leitura dessa obra vale a pena por uma série de colocações para reflexão apresentadas na entrevista. A primeira delas diz respeito à identidade como o “papo do momento”. Ou seja, esse não era um assunto que preocupasse as ciências humanas no século XIX ou até mesmo o início do século XX. Bauman traz um exemplo que

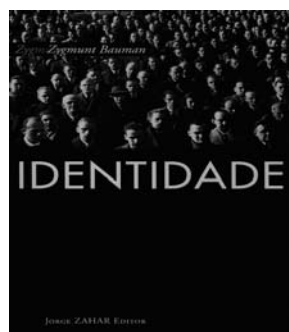
pode ser traduzido por nós para o caso do Censo e a identificação da “cor” das pessoas recenseadas, mas que também pode ser interpretado em sua intenção original. O caso é a suposição de que todo ser humano tem uma nação. Resultado, na Polônia: “Em cerca de um milhão de casos os funcionários falharam: os entrevistados não entendiam o que era uma ‘nação’ nem o que significava ‘ter uma nacionalidade’ – eles se atinham teimosamente às únicas respostas que lhes faziam sentido: ‘somos daqui’, ‘somos deste lugar’, ‘pertencemos a este lugar’”(p. 23/24).

Transpondo para o Brasil, quantos milhões seriam os que não sabem se identificar quanto à nacionalidade, deixando para o recenseador a incumbência de atribuí-la? Esta dificuldade aparece melhor entre nós quando se quer com a cor da pele exigir que as pessoas se identifiquem numa categoria que implica em identidade étnica.

Duas intervenções do autor merecem registro para reforçar nossa reflexão:

A idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela idéia – recriar a realidade à semelhança da idéia. (p.27).

Globalização significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. (...) Tendo transferido a maior parte de suas tarefas intensivas de mão de obra e capital aos mercados globais, os estados têm muito menos necessidade de suprimento de fervor patriótico. Até mesmo o patriotismo, o ativo mais zelosamente preservado pelos Estados-nações modernos, foi transferido às forças do mercado e por elas remodelado para aumentar os lucros dos produtores de esporte, do show business, de festividades comemorativas e da indústria de memorabilia (p. 34) (...) As identidades ganharam livre curso, e agora cabe a cada indivíduo, homem ou mulher, captura-las em pleno vôo, usando seus próprios recursos ou ferramentas. (...) Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvisto. (p.35).



Eis aí uma obra que pode nos ajudar a discutir questões de política cultural, em especial do ponto de vista da cultura popular e do Folclore. O que o autor chama “comunidades guarda-roupa” deve merecer nossa especial atenção.



Resenhas

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea: vida de santos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Na oportunidade dos festejos natalinos, a aquisição e leitura dessa obra produzida no final do século XII reveste-se da maior importância para os folcloristas. *Legenda Áurea*, como quer Hilário Franco Júnior nas páginas de “Apresentação”, é a suma hagiográfica que se complementa à Summa Teológica de Tomás de Aquino, à suma poética (*Commedia*) de Dante Alighieri, à suma científica (*Speculum maius*) de Vicente Beauvais, além das Catedrais Góticas que são a materialização da semente artística.

Hilário situa a *Legenda Áurea* também como uma suma folclórica, no interior do que intitula com os historiadores medievalistas como “Reação Folclórica de Renascimento do século XII”.

Pois bem, a obra de Varazze brota da necessidade de comunicação do saber erudito, do saber teológico, junto ao povo. *Legenda* valoriza as tradições orais que podem se compor com a doutrina sem risco de heresia. Nesta resenha, chamamos a atenção do leitor para duas biografias, a de São Nicolau, ancestral do Papai Noel e dos Reis Magos.

Nicolau, narra Varazze, “no dia de seu nascimento ele ficou de pé no banho; durante o período de amamentação, as quartas e sextas-feiras pegava o seio materno apenas uma vez ao dia”. Mas sua maior obra que perduraria pela memória popular séculos afora e que entre nós retorna incorporada em Papai Noel em meados do século XX é a de distribuir anônimo presentes jogando-os pela janela dos necessitados. São Nicolau abre o ciclo natalino tendo sua festividade comemorada no dia 6 de dezembro.

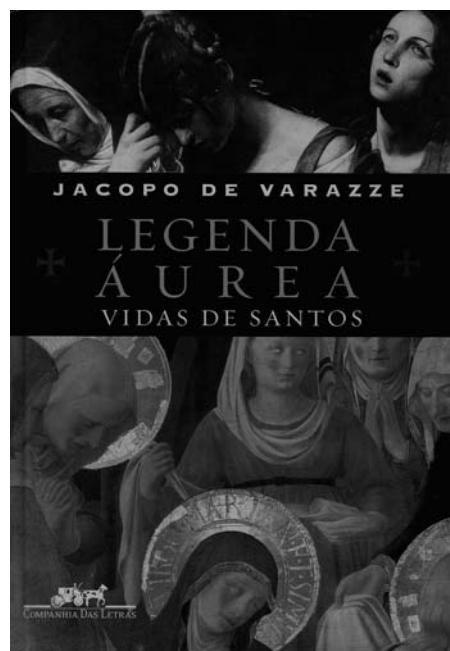
A narrativa da Epifania do Senhor comenta o percurso dos Reis Magos fixando a tradição ocidental de seu culto e as origens bizantinas do mesmo. Varazze fixa o nome dos três reis – Gaspar, Baltazar e Melquior –, o hábito de dar presentes como uma “tradição antiga que ninguém se aproximava de Deus ou de um rei de mãos vazias” e sentido simbólico de ouro incenso e mirra: “Com esses três presentes reconheceram em Cristo o poder real, a majestade divina e a mortalidade humana”, posto que indicavam “três qualidades de

Cristo: divindade preciosíssima, alma devotadíssima, carne íntegra e incorruptível” (p. 185).

O relato da peregrinação dos reis magos, aponta para a origem das folias de reis surgidas na Europa no século XIII: “Seus corpos repousavam em Milão (...) mas foram depois levados para Colônia. Anteriormente esses corpos tinham sido trasladados para Constantinopla por Helena, mãe de Constantino, depois foram transferidos para Milão pelo próprio bispo Eustórgio, por fim o imperador Henrique transportou-os de Milão para Colônia, às margens do Reno, onde são objeto da devoção e da reverência do povo.” Em nota de rodapé, o editor esclarece que as relíquias foram transferidas no ano de 1.164 de Milão para Colônia.

Não apenas por isso que a obra de Varazze interessa aos folcloristas, costumes como desejar “Deus o ajude”, após um espirro – p. 425. “Daí o costume ainda hoje em uso de, ao sentir vontade de bocejar, logo se fazer o sinal-da-cruz”.

Legenda Áurea pode ser considerada a Bíblia do Povo, posto que foi amplamente divulgada e traduzida, tendo sido o primeiro livro impresso em francês.



- Os estudiosos interessados em contribuir com artigos para a edição de n° 25 da Revista Comissão Mineira de Folclore, podem enviá-los até o dia 30 dezembro de 2005.

A nova edição será lançada no mês de fevereiro de 2006, na Assembléia Geral comemorativa do aniversário da Comissão Mineira de Folclore.

Serão selecionados os artigos que obedecerem aos seguintes critérios:

O artigo deve ser inédito, ter título, nome do autor, dados de currículo em até três linhas, resumo de até 10 linhas e palavras chave.

O texto propriamente dito deve ter introdução apresentando o plano de redação, títulos para as seções e bibliografia, devidamente revisados pelos autores.

Mapas, figuras e gráficos devem compor arquivo à parte.

Dimensão: de 15 a 30 páginas, tamanho A4, corpo 12, tipo Times New Roman, entrelinha 1,5, justificado, em Word.

Apenas será publicado um artigo de cada autor. A revisão dos editores será apenas quanto à formatação.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Ano 11 – Dezembro 2005.

Diretor Responsável – Kátia Cupertino

Fotos: José Moreira de Souza

Editores Gráficos: José Moreira de Souza

Impressão: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais

Diretoria da CMFL

Presidente de Honra: Saul Alves Martins

Presidente: Kátia Cupertino

Vice-presidente: José Moreira de Souza

Secretária: Danielle Gomes de Freitas

Tesoureiro: Maria Agripina Neves

Conselho Consultivo da CMFL

Antônio Henrique Weitzel

Edméia da Conceição Faria de Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

Endereço para Correspondência

Av. Assis Chateaubriand, 809 - Centro

Comissão Mineira de Folclore / CTM

Anexo à Serraria Souza Pinto.

CEP – 30150-101 Belo Horizonte - MG

E-mail: oficinafolclore@superig.com.br



USIMINAS
SEMPRE PRESENTE E ATUANTE.

